

VISÃO DO CORREIO

Segurança não pode ser refém da mesquinharria

A preocupação com a segurança pública não passa de um discurso eleitoral dos governantes, seja para dar ao eleitor a impressão de que o combate à criminalidade é uma prioridade na gestão pública, seja para acenar às corporações do setor, reforçando-lhes quase sempre os vícios e as virtudes cada vez mais escassas. Entende-se isso ao observar a discussão em torno do decreto do governo federal sobre o uso da força em operações policiais. Governadores de oposição acusam o Ministério da Justiça e o Palácio do Planalto de interferirem nas políticas de segurança dos estados.

Mas esse aparato está funcionando tão bem assim a ponto de rechaçarem completamente os termos do decreto? Ou o que está falando mais alto são os interesses políticos — uma vez que essas corporações têm capilaridade eleitoral e interesses a defender nos Poderes Legislativo e Executivo? O noticiário de poucas semanas atrás trouxe uma sequência de ações brutais da Polícia Militar de São Paulo — em uma delas, uma idosa foi agredida dentro da própria casa e, noutra, um homem foi jogado em um córrego, de cima de uma ponte.

Da mesma forma, as operações policiais no Rio de Janeiro estão longe de serem exemplos de eficiência. Primeiramente, porque, não raro, tornam-se chacinhas. Em segundo, porque apesar de tamanha violência, não impediram o avanço do tráfico nem o surgimento das milícias. E, em

terceiro, porque sucedem-se os registros nos quais suspeitos são detidos apenas por causa da cor da pele — ou seja, exercícios explícitos de racismo.

Ações brutais, porém, não são exclusividade de unidades da Federação governadas pela oposição. Mas, na atual discussão, há uma grande diferença em relação às anteriores: os governadores do Consórcio Nordeste deram apoio à iniciativa federal, da mesma forma que ex-ministros da Justiça se manifestaram favoravelmente a ela. Isso representa que o decreto, se não tem os predicados necessários para conter a violência nem intimidar as facções criminosas, ao menos chama a atenção para o fato de que muita gente tem morrido porque as forças de segurança perderam a capacidade de diferenciar o bandido do cidadão — sobretudo aquele que vive nas comunidades mais pobres — e não são exemplos de profissionalismo — a contaminação politiqueria que as assola confirma isso.

O decreto do governo federal não tem a arrogância de ser definitivo. Mas abre uma boa e necessária discussão por interesses eleitorais. Segurança pública é um tema que pertence à sociedade e cabe a ela como um todo discutir — cada ator expõe seu ponto de vista, todos em busca de um consenso. A captura por nichos ideológicos amesquinha um assunto de imensa relevância. E afasta as soluções inteligentes.



CIDA BARBOSA
cidabarbosa.df@dabr.com.br

Vítimas injustiçadas

Se viva estivesse, Isabella Nardoni completaria 23 anos em abril próximo. Seria uma moça que teria aproveitado a infância e a adolescência com a família, comemorado muitos natais e réveillons. Teria “um futuro brilhante pela frente”, como pos-tou recentemente nas redes sociais a mãe dela, Ana Carolina Oliveira. “Não é justo que ela tenha partido tão cedo. Era uma criança alegre, amiga de todos, inocente.”

Isabella partiu cedo demais mesmo, aos 5 anos, pelas mãos da covardia — agredida, asfixiada e jogada do sexto andar do prédio onde morava. O pai e a madrasta foram condenados pela barbárie. Receberam penas de 30 e 26 anos de prisão, respectivamente. Mas, se este fosse um país, de fato, justo, os dois ficariam atrás das grades até o fim de suas vidas. Nem sealaria em ressocialização de seres desse nível, capazes de cometer atrocidades contra crianças.

Neste nosso Brasil, penas de caráter perpétuo são proibidas pela Constituição, independentemente da crueldade do crime. O máximo que um condenado pode ficar preso é 40 anos. E mesmo isso é uma mera ilusão. Ninguém cumpre a totalidade da sentença, tantas são as benesses da legislação.

Benesses das quais desfrutaram o pai e a madrasta de Isabella. Os dois já estão em regime aberto, aproveitando a vida. Reportagem do *Estadão*

mostrou que eles foram, inclusive, autorizados a passar esse réveillon juntos em um condomínio de luxo no Guarujá (SP). Na mansão na praia, o condenado pela morte da filha ficará até 3 de fevereiro.

No pedido que fez à Justiça — diz a reportagem —, a defesa argumentou que esse período de férias permitirá ao homicida restabelecer convívio com os dois filhos, “que cresceram sem a presença do pai”. Por que esse pai amoroso não pensou neles antes de cometer a perversidade? E Isabella? Era igualmente filha dele, por que não teve também o direito de crescer?

Assim como os assassinos de Isabella, um sem-número de algozes de crianças e adolescentes, sentenciados pela Justiça, usufruem dos privilégios — em maior ou menor grau, a depender do potencial financeiro para pagar advogados caros. É lamentável que nossa legislação “penal” beneficie até mesmo os mais sórdidos, repugnantes e covardes criminosos.

Torturadores, estupradores e assassinos de meninos e meninas são a escória da raça humana e como tal deveriam ser tratados. As condenações nesses casos tinham de ser cumpridas totalmente atrás das grades, sem progressão de regime. Se a Constituição não deixa que apodreçam na cadeia, deveriam, ao menos, ficar o máximo de tempo possível enjaulados. Haveria, então, alguma justiça para suas vítimas.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Brilho na Prainha

Torço para que 2025 seja um ano de paz, de reencontros e perdão, além de saúde, alegrias e muita solidariedade entre todos. Depois de muitos anos, decidi ir à Praça dos Orixás. Estava lotada de pessoas de todas as cores. O conagração entre elas, mostrava que a paz entre os diferentes é possível. No ar, além da fé dos afrorreligiosos, havia muita alegria. As pessoas se cumprimentavam com afeto e respeito. Pouco antes da virada do ano, um cortejo de mulheres, com um cesto de flores brancas sobre a cabeça, chegou às margens do Lago Paranoá. As flores foram lançadas na água, uma oferenda à grande mãe, Iemanjá. Em seguida, uma belíssima queima de fogos marcou a despedida de 2024 e recepcionou 2025, com muito brilho, iluminando a esperança de que tenhamos um país pacificado, onde o respeito e a amabilidade entre todos vençam a violência e as formas de intolerância. Que os bons sentimentos se tornem reais em 2025.

» **Paula Vicente**
Lago Sul

Tempo de bons propósitos

A época é ideal para refletir sobre nossas vidas. Dois artigos do CB de 31/12/2024 me marcaram: *Eternamente Beatles*, de Irlam Rocha Lima, e *Planeta Fome*, de Henrique Andrade, inspiraram bons propósitos para 2025: valorizar artistas transformadores e ajudar quem está em necessidade. Ao lembrar de 2024, quem nunca viu a magia de um show especial? Contudo, também não devemos ignorar o sofrimento de quem passa por dificuldades, como aponta Henrique. Muitas vezes, deixei de assistir a apresentações marcantes devido ao preço. Um exemplo foi o show de Ringo Starr em 11/11/11, lembrado por Irlam, um momento inesquecível para 4.000 fãs. Em 2025, tente não focar no custo do ingresso, mas no valor da experiência única. Simultaneamente, equilibre esses prazeres com ações solidárias, apoiando causas que transformam vidas. Assim, 2025 será mais feliz, realizado e em paz. Feliz ano novo a todos!

» **João Antônio dos Santos**
Brasília

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Desejo a todos (as) muita paz, saúde alegria e um país mais tolerante. Feliz 2025, Brasil!

» **José R. Pinheiro Filho** — Asa Norte

Aos oprimidos pelas desigualdades, ofereço o que tenho de mais sincero e rebelde, minha solidariedade.

» **Vicente Limongi Netto** — Lago Norte

A polarização foi a melhor coisa para os políticos. Escolhe-se um lado e pode praticar crimes de responsabilidade, crimes eleitorais, corrupção, fake news, atentado contra o estado democrático, que sempre vai ter alguém te defendendo.

» **Abraão F. do Nascimento** — Águas Claras

Se há 885 mil carros devendo o IPVA e o licenciamento de 2024 no DF, é porque não há uma fiscalização rigorosa dos órgãos de trânsito.

» **Sebastião Machado Aragão** — Asa Sul

Entre as obras nas vias de trânsito no DF e os buracos no asfalto, há um competição que só dá prejuízo aos motoristas.

» **José Paulo Souza** — Ceilândia

ma é justamente quando as ideias reivindicam mais do que a realidade consegue abarcar. Como descrevem Max Horkheimer (1895-1973) e Theodor Adorno (1903-1969), as promessas de emancipação e de democratização da modernidade caminham de mãos dadas com novas opressões, de modo que sociedades liberais e democráticas tendem a se tornar mais autoritárias em seu caráter, tendo em vista a saturação tecnocrática e burocrática de suas estruturas.

» **Marcos F. Lopes da Silva**
Asa Norte

Natal de escuridão

Aquilo que seria o Natal-luz de Brasília, exuberante e maravilhoso de todos os anos, que encantava a todos, virou um apagão de mau gosto: o Natal -escuridão de Brasília. Aquilo que, no passado, foi um espetáculo para crianças, turistas e todas as pessoas que passeavam pela Esplanada — mesmo de carro — para apreciar o festival de luzes, cores e iluminação foi distribuído. Pergunta: quem teve a estúpida ideia de cercar todo o canteiro central da Esplanada dos Ministérios, onde estão as (quase inexistentes) decorações com um tapume? O resultado foi tenebroso: escuridão. Foi o Natal e Ano-Novo mais horroroso da história. Vergonhoso, em plena capital da República.

» **Milton Cordova Junior**
Vicente Pires

Populismo

Jesus trata a questão do poder em Lucas 22, versículo 24, dizendo aos seus discípulos: “Os reis das nações têm poder sobre elas, e os que sobre elas exercem autoridade são chamados benfeitores. Entre vocês não deverá ser assim; pelo contrário, o maior seja como o mais novo, e quem governa, como aquele que serve”. Eis o desafio da ética do poder: fazê-lo serviço. Sentir-se no poder como o menor, como quem serve. Não é novidade que líderes populistas prefiram discursos mentirosos em meio a crises. A incapacidade estrutural das instituições de representação na canalização de demandas sociais e pressões culturais é o centro do problema. O problema é justamente quando as ideias reivindicam mais do que a realidade consegue abarcar. Como descrevem Max Horkheimer (1895-1973) e Theodor Adorno (1903-1969), as promessas de emancipação e de democratização da modernidade caminham de mãos dadas com novas opressões, de modo que sociedades liberais e democráticas tendem a se tornar mais autoritárias em seu caráter, tendo em vista a saturação tecnocrática e burocrática de suas estruturas.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara E se mais mundo houvera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Valda César
Superintendente de Negócios e Marketing

VENDA AVULSA

Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00

Assine

(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp

* Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.

Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 991.58.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anuncie

Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

ASSINATURAS*

SEG a DOM

R\$ 899,88

360 EDIÇÕES

(promocional)

S.A. CORREIO BRAZILIENSE - Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFE Agência Estado e DA Press. Tel: (61) 3214-1131



DA Press Multimídia
Atendimento pessoal para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF; de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br